

## ENTREVISTA COM ROSA ESTER ROSSINI

Para contribuir com essa importante discussão proposta para o Dossiê Especial da Revista Rural & Urbano sobre a COVID-19, convidamos a professora titular da Universidade de São Paulo, Rosa Ester Rossini, para trazer análise geral sobre a temática e sua visão como geógrafa sobre essa questão que tem impactado as relações contemporâneas. Foram feitas algumas perguntas direcionadas e a deixamos livre para falar sobre o tema, posteriormente a fala foi transcrita. A Professora Rosa Ester Rossini nos brindou com relevantes análises e esclarecimentos sobre o assunto, com um rigor científico e toda sua experiência acerca da dinâmica socioespacial. A Equipe da Revista Rural & Urbano agradece as contribuições da professora e os convida para a leitura desta entrevista.

Boa leitura!

### **Maria Rita Machado<sup>1</sup>:**

Primeiro gostaria de agradecer a disponibilidade de poder conversar com a Revista Rural & Urbano para o dossiê especial que estamos organizando sobre a COVID-19. Na sequência quero lembrar aos leitores da Revista quem é a senhora, professora Rosa Ester Rossini. Professora Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tem mais de cinquenta anos de pesquisa na linha de Geografia da População, com ênfase na questão de Gênero, e na Geografia Agrária analisa temas voltados para questão da força de trabalho e migração. Desde 1983 a senhora é bolsista de produtividade em pesquisa – PQ-2 e, a partir de 1985, PQ-1A, do CNPq e Grant, desde 2003. Atualmente tem a bolsa Pq-1A mais Grant que termina em 8/02/2025, e cujo título da pesquisa é: “Geografia e Gênero: a modernidade técnico-científica na agricultura canavieira da macroárea de Ribeirão Preto-SP, eliminou

---

<sup>1</sup> Editora da Revista Rural & Urbano, Professora do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo

boa parte da atividade de homens e mulheres no trabalho do corte da cana. Pergunta-se, para onde foram e o que fazem? ”

Desde 1989 tem se dedicado de forma incansável e entusiasmada nos processos de seleção e avaliação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). No ano de 2004, recebeu a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico na condição de Comendadora, concedida pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia do Governo Federal e até a presente data é detentora de três títulos de Honoris Causa (UNIR-2012; UECE-2015 e UFPI-2015).

Feita a sua apresentação vou começar esta conversa fazendo a seguinte pergunta. Como a senhora acha que os geógrafos podem analisar o cenário da pandemia, da COVID – 19?

#### **Rosa Ester Rossini:**

Muito obrigada, é um prazer e uma honra participar desta entrevista. Ainda mais na condição de ex-orientadora de doutorado de Maria Rita Machado, uma das diretoras da Revista Rural & Urbano. Na verdade, eu queria começar trabalhando um aspecto mais geral do que é ser professora e pesquisadora no Brasil. Por que quero trabalhar com isto? Porque na realidade é uma carreira prazerosa, com a qual você consegue fazer interação com pessoas pesquisadoras do tema tanto no Brasil como no exterior. Na academia trabalhamos com o tema que encontramos afinidade do ponto de vista tanto da modernidade técnico-científica como o aplicamos a serviço do social.

Entretanto você não tem a recompensa material pela maturidade, pela competência, como os jogadores de futebol, como os artistas. Nossa satisfação / recompensa, é poder entender os problemas, as percepções das crises, as tendências e gerar possibilidades e perspectivas. Ainda quero destacar que para podermos trabalhar temos que ter em mente que nenhuma ciência é isolada. Nós somos da área da Geografia, há as especificidades de análise e interpretação da questão geográfica dos momentos em que estamos vivendo e que o objeto da geografia se vincula à (re)produção do espaço pela sociedade. Entretanto, é bom ressaltar a importância tanto da interdisciplinaridade como da compreensão do conhecimento científico, com destaque para o fato de que a ciência não é única e tudo tem

que ser relacionado com o contexto social. Ainda destaco que ao trabalharmos com a ciência temos que pensar que a pesquisa é parte fundamental de um trabalho científico, o experimento, a comprovação, a aplicação, a descoberta associada ao ser humano, ao meio ambiente, a inovação, ao aprendizado e etc.

Assim sendo, temos que trabalhar dentro de uma lógica, em que no caso de todas as ciências, mas em especial da geografia, a observação é um elemento extremamente importante. Quando falo em observação estou falando também da pesquisa de campo, do trabalho de campo. E ainda quero lembrar também que a ciência não é neutra. A pessoa trabalha, realiza o desenvolvimento do trabalho, mas ela faz uma análise do ponto de vista da sua ideologia. Isso não quer dizer que os resultados de uma pesquisa sejam diferentes. Não, os resultados de uma pesquisa são resultados que podem ser trabalhados e devem ser trabalhados por qualquer cientista. Mas o olhar para o resultado e a interpretação desse resultado é que pode ser diferente de acordo com a formação histórica e ideológica das pessoas.

Ainda queria destacar mais algumas coisas antes de entrar no contexto da pandemia da COVID-19 na e para a geografia. Quero, ainda, do ponto de vista do geral, lembrar da importância das equipes científicas para validar os conhecimentos e diversificar os conhecimentos. A importância dos núcleos institucionais de pesquisa é significativa para o crescimento da ciência e da equipe do lugar. Ainda mais vale a pena destacar um aspecto de enorme importância, o trabalho em rede. Na hipótese de trabalhar de forma isolada, você cresce para você, mas não cresce para o mundo propriamente dito. Você não compartilha seu conhecimento e nem recebe o conhecimento que está em movimento.

Agora, entrando num segundo aspecto, temos o seguinte: Quando você pensa “Como é que eu vou trabalhar a questão da pandemia?” A primeira lembrança que tive foi do professor Milton Santos. Ele nos deu muitas lições de como entender a realidade. Ele tentava nos mostrar, na sua fala, projetando o futuro, das possibilidades. O que seria? Como estabelecer as relações das possibilidades com a sociedade? E, dentro dessas possibilidades, trabalhava exatamente que, o mundo tem que ser visto dentro da possibilidade da vida humana, e o espaço geográfico é (re)produzido por relações sociais e de classe. Assim é que temos que entender essa totalidade que estamos vivendo como um

movimento que possibilita um olhar para o futuro, quer dizer, do presente para o futuro. Traz para o presente aquilo que é essencial para o entendimento da análise concreta de situações concretas.

Assim sendo, ao trabalhar a questão dos seres humanos temos que levar em consideração que as desigualdades de classe são uma triste realidade no Brasil, que nos desconcerta e a pandemia é um retrato concreto destas desigualdades. Como é possível que um vírus atinja mais uma classe do que outra? Ele não está escolhendo? Ele está atingindo exatamente as pessoas mais despossuídas. Mais despreparadas no sentido de que não tem uma cultura suficiente, não tiveram essa possibilidade de ter uma cultura que lhes permitisse enxergar o que é isolamento, por exemplo. Como é que eles vão fazer isolamento se moram cinco, seis pessoas numa casa pequena? Se dormem cinco, seis pessoas num quarto? Se moram em áreas de concentração de casas sem infraestrutura mínima de esgoto, de lançamento do lixo, água encanada e, acima de tudo, têm alimentação precária e nem sempre estão engajadas no mercado de trabalho e a assistência médico-hospitalar que é também muito precária?

Então não é exatamente uma escolha. É uma situação de carência e de ter tido falta de oportunidade inclusive para uma vida em melhores condições. Ao mesmo tempo não tem percepção da seriedade que é a questão de ser atingida pela doença. Tanto é que na cidade de São Paulo, as fatalidades maiores ocorrem nas áreas de população de mais baixa renda. É claro que você tem também populações mais esclarecidas, de nível econômico altíssimo, pessoas extremamente cultas, que também foram atingidas e perdemos expoentes, não só no estado de São Paulo, mas no Brasil e no mundo.

Agora, nós já estamos caminhando para começar a entender como é que se trabalha na Geografia. Então, no urbano, em locais onde a infraestrutura é mais precária, as ocorrências da COVID-19 foram maiores e atingiram muito mais a população de baixa renda, especialmente as pessoas mais fragilizadas, isto é, de idade mais avançada, mas tivemos também, casos de jovens de 14 anos, de 15 anos, morrendo de COVID – 19.

E como é que nós, geógrafos, podemos trabalhar. Falei de São Paulo, mas ao mesmo tempo nós vamos verificar que o Brasil é enorme. Aproveito o “gancho” de uma das falas da Professora Tânia Bacelar, na qual coloca muitas questões importantes, e nos

faz repensar exatamente sobre o Brasil. O país teve uma trajetória, que chegou a ser a oitava potência mundial, um dos países mais próximos dos países ricos em desigualdades, entretanto chega neste momento que nós vivemos hoje, numa situação extremamente difícil, extremamente precária, que é exatamente a questão da ampliação das desigualdades.

Estamos vivendo um momento dos mais difíceis e a Geografia pode colaborar, também, através da análise e interpretação dos fenômenos/problemas a partir da visualização da representação gráfica destas desigualdades. A visualização e representação desses fenômenos através da cartografia nos permitem ver com clareza a dinâmica do processo. Então, por exemplo, não basta trabalhar os dados brutos, você tem que correlacionar o caso do COVID-19 à população total e número de mortos, mas estabelecer a proporcionalidade. Porque pode ser que mil pessoas mortas no estado de São Paulo, seja proporcionalmente equivalente a setenta pessoas no estado de Rondônia, por exemplo. Então é isso, nós não podemos às vezes nos concentrar nos números, nós temos que estabelecer a racionalidade disso. Por exemplo, a Professora Tania Bacelar nos fala que estava trabalhando a questão do povo desassistido e disse que o governo está oferecendo a esse povo desassistido o chamado Auxílio Emergencial. O Nordeste, por exemplo, recebeu deste total, na fala da professora Tânia, 36% da ajuda, sendo que a região detém 27% da população total. Não foi um “prêmio”. Percebam a seriedade das coisas. A região Nordeste recebeu mais do que a proporcionalidade da população total, isto quer dizer que ela tem um número muito maior em relação ao Brasil de pessoas desassistidas, e isto a representação gráfica pode denunciar com muita clareza.

A outra situação também que quero destacar é a do campo. A questão do campo num texto que os geógrafos redigiram demonstra o seguinte: a COVID-19 chega exatamente em torno do mês de março, quer dizer, que ele fica mais evidente; o mês de março, no estado de São Paulo, na região Centro-Sul, e temos que ver inclusive como se comporta cada produto, cada atividade em função da sua área, em função da sua posição, do ponto de vista da latitude e longitude, para também entendermos a dinâmica atmosférica, bem como o calendário agrícola. No caso do Centro-Sul a agricultura sofreu, especialmente a cana-de-açúcar, um grande impacto, porque coincidiu com o início do

preparo do solo, do plantio da cana e era um período que, de certa forma, correspondia a possibilidade de contratação de pessoas. Mas em vez disso, vamos assistir a um aumento da mecanização e da tecnificação do campo. No estado de São Paulo, por exemplo, a cana já está altamente tecnificada e mecanizada. A mecanização da cana atinge mais de 90% da área e das atividades, agora em outras regiões não necessariamente, mas São Paulo quase tudo está mecanizado. Para vocês terem uma ideia, em pesquisa de campo nos anos 70, aliás, no início dos anos 70, quando comecei a trabalhar com a força de trabalho na agricultura canavieira, em especial a mão de obra de homens e de mulheres no corte da cana, havia um pouco mais de meio milhão de pessoas trabalhando no estado de São Paulo. Sabe quantas pessoas tem hoje no estado de São Paulo? Menos de cinquenta mil. Quer dizer, menos de 10% daquele total, por conta da mecanização e tecnificação.

O estado de Goiás, por exemplo, tem um pouco mais, relativamente, de mão de obra no corte da cana, devido ao menor percentual de mecanização. Em Minas Gerais, além do corte da cana ainda tem a contratação nas atividades de plantio, tratamentos culturais na colheita do café, que não está ainda totalmente mecanizada. O problema reside no impacto da chegada da COVID-19, que reduziu o trabalho, não quero dizer só a força de trabalho, mas também o trabalho. Por que isso? Porque os grandes capitalistas já estavam bastante envolvidos com a alta tecnificação, tanto é que, em geral, uma grande propriedade na frente pioneira trabalha com praticamente a família e apenas contrata pessoas, em pequeno número, no plantio e na colheita. Porque uma colheitadeira substitui, dependendo da atividade, N pessoas. No corte da cana elimina, por exemplo, por dia, 360 pessoas, com três turnos de atividades (para a máquina não há diferença entre dia ou noite). Mas aqui no caso do Brasil, no seu conjunto, tenho que chamar a atenção não para essa tecnificação. Poderia dizer o seguinte, que tenho visto na televisão e ouvido também que nunca teve uma colheita como a deste ano, de produtos agrícolas. Eu não sei se tenho que acreditar nessa “realidade”, que permita diminuir o impacto da crise, ou se realmente a modernidade técnica chegou com muita força na expansão da fronteira agrícola. Acredito na possibilidade que ela tenha chegado com muita mecanização e uso de agrotóxicos. O forte impacto ocorre na agricultura camponesa, de cunho familiar e dos assentamentos. Primeiro as pessoas, embora consumidoras, mudaram o seu hábito de compra, então

muitos produtos se perderam, isto é, não foram comprados. Se os supermercados tinham um contato direto com os produtores, facilitou, porque o CEASA, o centro de abastecimento da cidade, ficou algum tempo fechado, e as pessoas perderam a produção. Um pé de alface não espera o momento para ser consumido, ele tem a sua fase de maturação que é rápida; um tomate também, por exemplo.

Então o impacto foi muito grande, agora foi maior ainda nos assentamentos, com os assentados que tinham contratos com as prefeituras, com a implantação do PAA (Plano de Abastecimento Alimentar), implantado em 2003 (apesar de algumas alterações, para pior, no decurso do tempo), para abastecer as escolas com a aquisição de produtos do seu cultivo no valor de 30% do orçamento para alimentação escolar, e as escolas estão fechadas desde março. Então perderam essa produção. Segundo informação essas pessoas não estão recebendo também, posto que os contratos foram cancelados. Há algumas coisas que precisam ser destacadas em relação a isto: por exemplo, estamos lembrando que houve menor engajamento da força de trabalho no urbano, posto que os restaurantes tiveram que fechar as portas, bem como os bares, as lojas, etc. Houve perda de emprego avaliada em mais de 30% para esta população trabalhadora. Isso quer dizer uma falta de dinheiro circulante e o aumento da fome. Essa ajuda emergencial é um “quebra galho” eleitoreiro, porque 600 reais não representa o valor que as pessoas recebiam e, as vezes, era a única pessoa que trabalhava com rendimento na família. A carência realmente é muito grande. Li que, só na cidade de São Paulo, foram fechados 30.000 estabelecimentos comerciais.

Agora, por exemplo, a diminuição de consumo das pessoas, a perda do emprego/ocupação é dramática. Mesmo neste momento com esta certa flexibilização, por duas vezes fui a restaurante, a flexibilização permitiu uma redução, de cerca de 50% ou mais do uso e ocupação do espaço. Mas, na realidade, vi nas duas vezes em que fui, que havia apenas duas mesas ocupadas em cada restaurante, isso contando com a que eu estava. Quer dizer, as pessoas não estão indo a restaurantes. Isso representa também uma queda de consumo muito grande e de também de arrecadação. Ao mesmo tempo, assistimos à majoração no valor do cardápio em torno de 30%. O mesmo ocorreu com o custo das mercadorias nos supermercados e bares. Isso “espanta” a população na ida aos restaurantes e supermercados, somando que, neste período, não houve aumento do salário. Pelo

contrário, a população idosa, aposentada, no estado de São Paulo, devido à PL 529-2020, terá o percentual de desconto do IPESP, passando de 12% para 16% do salário.

Na academia, tenho assistido a muitas *lives*. É muito interessante porque os/as professores/as estão extremamente ativos e redescobrimo formas de divulgar o seu conhecimento de um lado, e de outro, compartilhando com os colegas. Em relação aos estudantes, o fato de não terem aula não quer dizer que todos estejam parados. A vida continua, com as universidades se redescobrimo. Tenho assistido a muitas *lives* da Universidade Federal de Campina Grande, do Amazonas, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, de São Paulo, de Pernambuco, de Mato Grosso do Sul (em especial de Corumbá), da UNB, da SBPC, tenho também participado de bancas *on-line*, etc. Outro aspecto que chama atenção foi o aumento da produção científica dos/as professores/as, a divulgação do conhecimento, sendo repartido, inclusive pessoas do exterior, através de *lives*, participando e trazendo sua contribuição e vice e versa. Tudo isso precisa ser compreendido e demonstra como o espaço do conhecimento está sendo produzido e reproduzido. O espaço da distribuição do conhecimento, o espaço da ciência, e o espaço do ponto de vista da ocupação humana. Fico muito triste quando penso no que está acontecendo em relação à destruição do meio ambiente no Brasil, em especial na Amazônia e no Pantanal. Estão devastando com interesses econômicos. Recentemente vi grandes lanchas que estavam transportando toras da Amazônia pelo rio. As autoridades parecem não enxergar; não têm competência para, pelo menos, perceber que este “pulmão do mundo” está sendo afogado a cada dia por conta, exatamente, da falta de responsabilidade dos Governos Federal, Estadual e do DF e se “esquecem” de tomar as medidas necessárias, posto que que boa parte das queimadas, em todo o Brasil, em especial nas áreas de expansão da fronteira agrícola, estão à serviço do capital e são provocadas, portanto, criminosas.

Há muito mais coisas que podem ser trabalhadas, mas quero pensar, por exemplo, reforçando que temos mais alguns aspectos que merecem ser destacados e que em relação a pandemia, a geografia pode mostrar claramente algumas políticas que podiam ser tomadas em relação a essa situação. Por exemplo, os nossos indígenas estão totalmente abandonados, não têm defesas físicas, estão sendo a cada dia infestados pelo Covid, apesar



de, recentemente, legislação ter sido feita no sentido de atendimento, mas o número de pessoas atendidas é muito inferior às necessidades. Em Rondônia, até 6/10/2020, 1405 índios infestados de 16 povos e etnias.

Há outras coisas que precisam ser lembradas em relação à COVID-19: gerar políticas que permitam com que a população de baixa renda continue recebendo o Auxílio Emergencial porque não é o fato de terminar a crise que a vida das pessoas se organiza; o fechamento de uma empresa em um determinado lugar não afeta só o empresário, afeta a cidade inteira. A cidade passa a ser o palco das carências, perda de emprego das pessoas que trabalhavam na atividade, repercute no comércio, repercute nos serviços, repercute no bem-estar e da família que já estava no limite das suas condições de vida e de sobrevivência; o fechamento das escolas afeta o mundo rural dos assentamentos e da produção familiar.

Para reforçar, o mundo é cheio de possibilidades, e compete a nós transformamos as possibilidades em realidade. E essas possibilidades em realidade, nesse momento da pandemia compete aos geógrafos e as geógrafas um trabalho criterioso, sério, responsável, de divulgação da situação dentro de um aspecto de comparabilidade entre as diferentes populações e o número de ocorrências e suas consequências. Tivemos um grande aumento, e agora estamos numa espécie de horizontalidade das ocorrências com uma pequena redução para São Paulo. Por outro lado, no Brasil, pela sua extensão, há locais, mesmo no estado de São Paulo, que a Covid está chegando agora e que houve uma certa diminuição de mortes, por exemplo, no Ceará, em Pernambuco, no Amazonas. No noticiário de 15/10/2020 há demonstração de aumento de pessoas infectadas e de mortas no Rio Grande do Norte, no Ceará, etc. Urge a necessidade de a ciência aprofundar as pesquisas para a descoberta de vacina eficaz.

No Amazonas, apesar da diminuição no total, o avanço de infectados e de mortos está caminhando em direção ao oeste, em direção a tríplice fronteira. Considero também que esse país é de uma riqueza enorme de possibilidades, de compreensão e de análise, mas o mais importante é que temos que ter cuidado, temos que ter responsabilidade, porque o Covid, se não cuidar, veio para ficar. Enquanto não for produzida uma vacina eficiente e eficaz o “mundo” estará exposto.

Tenho lido algumas reportagens que as ocorrências, por exemplo, na Alemanha, na França, na Espanha, na Inglaterra aumentaram, correspondendo a uma Segunda Leva e se nós não tivermos cuidado, tomando as providências para a eliminação da Covid-19, as consequências serão gravíssimas.

Já há alertas e recomendações nas publicações que estão sendo produzidos no Brasil: os professores da Universidade Federal do Amazonas, Alexander Steinmetz, Renan Albuquerque, Jeremias Leão e o cientista da FIOCRUZ Amazônia, Jesem Orelhana lançaram o livro “Os desaparecidos da Covid-19”, o sexto volume da série “Quarentenas Amazônicas”. O *e-book* lança também um olhar multidisciplinar sobre os seis primeiros meses de pandemia da COVID-19, doença provocada pelo novo coronavírus; a SBPC, no mês da Ciência e Tecnologia tem produzido muitas videoconferências sobre o tema dentre outras instituições universitárias, assim como as publicações feitas pela Revista FAPESP nas últimas edições de nº 295 e 296.

### **Aline Lima Santos<sup>2</sup>:**

Então a senhora diferenciou esses dois espaços, o rural e o urbano, caracterizando especificidades de cada um. Ao falar do rural especialmente, a senhora deixa muito clara a situação de crise dos pequenos produtores. Mas é muito interessante ouvir no sentido do hábito das compras, porque quem mudou de hábito de compra realmente foi o cidadão, que são as pessoas que moram na cidade e que passaram a se relacionar diferentemente com o que comem, enfim. E aí eu fiquei pensando, ao mesmo tempo que a situação das pequenas famílias e dos assentados está extremamente complicada, abriu-se uma oportunidade de cestas básicas diretamente. Esses hábitos de consumo eles realmente mudaram e nem parece que houve possibilidades, que há novas possibilidades de contato direto, por meios intermediários. Eu vi iniciativas nesse sentido, e a gente pode olhar para isso como uma espécie de esperança, e eu não sei se a senhora já pensou sobre isso.

---

<sup>2</sup> Pesquisadora associada ao LABOPLAN-USP, Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.

### **Rosa Ester Rossini:**

Respondendo à Aline, quero agradecer a oportunidade de aprofundar a discussão. Tenho referência não só em relação à mudança de hábito tanto das famílias possuidoras de um “pedaço” de terra – sitiantes – como de assentados. No primeiro caso, em geral vão uma, até duas vezes por semana, com um pequeno veículo motorizado (caminhonete) ou carroça puxada por animal vender os produtos agrícolas. Tanto para os assentados como pelos sitiantes tem havido não só a terceirização pelas dificuldades do transporte como pelo fato do tempo que perdem no deslocamento como na venda. O grande diferencial e a grande mensagem de esperança, em relação aos alimentos, está na produção de alimentos saudáveis e sem agrotóxicos realizada e comercializada, principalmente pelas mulheres que residem em assentamentos. Os produtos são vendidos em feiras específicas em geral apoiadas pelas universidades que oferecem, gratuitamente, o espaço para comercialização, como ocorre nas Universidades: UFAM, UF C. Grande-PB, UFPB, UFMS, UFRN, UNESP-P. Prudente, UFRJ, USP, dentre outras. A outra modalidade é o fornecimento de cestas de produtos saudáveis e sem agrotóxicos com entregas semanais ou quinzenais, sendo a maioria para famílias que têm uma pessoa que trabalha na universidade. Em São Paulo há também a Feira do Parque da Água Branca.

Acrescente-se, ainda, a mudança de hábito das pessoas do urbano de pequenas cidades que começaram a consumir marmitex, hábito comum em cidades de porte médio e grande. Além de ser mais barato, uma embalagem, devido à carência, supre até três pessoas. Um olhar para estas mudanças, pode ser de esperança caso haja a possibilidade de intercâmbio. Devo ainda acrescentar que está havendo tendência de aumentar, cada vez mais, a pluriatividade para as pessoas/famílias moradoras no campo. Isto é, algumas pessoas da família trabalham no campo o ano todo, ou em parte, e outras trabalham na cidade em atividades urbanas e retornam diariamente para o campo ou apenas no fim de semana.

### **Aline Lima Santos:**

Puxando um pouco mais para questão de gênero, que é um dos seus fortes, professora. Tenho duas coisas que para mim estão muito marcantes na discussão do Covid,

que é como as mulheres estão mais na linha de frente, do modo que elas estão sendo mais ativas, que acredito que porque elas estão nos hospitais, elas são maioria em enfermagem ou elas se expõem mais aos riscos ao ir às compras. Tem morrido mais mulheres, então é importante e eu gostaria de ouvir um pouco a senhora sobre isso.

### **Rosa Ester Rossini:**

Em relação à questão de gênero, na COVID-19, há dois pontos a serem levantados que merecem destaque: no atendimento ao COVID pelos/as profissionais da saúde, há maior número de enfermeiras do que de médicos. As primeiras estão na linha de frente, cuidando dos/as pacientes, portanto, muito mais expostas ao COVID, enquanto que os médicos, após os exames, diagnósticos, fazem o receituário e uma ou duas vezes por dia vão ver a evolução da doença. Acrescente-se ainda que há sempre um médico de plantão para atender emergências. O número maior de morte de enfermeiras em relação ao dos/as médicos/as é patente, até mesmo trabalhando com proporcionalidade. Nas outras atividades, as mulheres se expõem mais que os homens porque elas saem de casa não só para abastecê-la como para outras providências. Em videoconferência assistida, a Professora Lourdes Bandeira, da UNB, declarou que nas pesquisas realizadas na pandemia também aumentou muito o número de feminicídios na faixa dos 25 a 40 anos, que corresponde ao período mais reprodutivo. O aumento do número de mortes de mulheres é explicado pelo convívio mais duradouro de ambos em casa e nem sempre estão recebendo o salário ou perderam o emprego/ocupação, o que lhes garantia a sobrevivência. Outra consequência da COVID é o aumento dos transtornos mentais das pessoas que, em geral, saem de casa e não sabem retornar, deixando a família transtornada a sua procura e que nem sempre são localizadas vivas.

### **Aline Lima Santos:**

E falar que a senhora ressalta a questão de como a academia está ativa, mas ao mesmo tempo tem já estudos apontando que as mulheres têm produzido menos, porque quando a mulher sai de casa para ir para Universidade trabalhar, elas têm dedicação exclusiva. E quando elas estão trabalhando em casa outras responsabilidades as consome,

então a produtividade das mulheres baixa. Queria também que a senhora comentasse um pouco sobre isso.

**Rosa Ester Rossini:**

Em consideração à questão relativa ao fato de que na pandemia a Academia/Universidade está bastante ativa, mas que a produção dos homens aumentou e a das mulheres, em geral, caiu, é uma realidade. Conforme a Aline fez referência “quando a mulher sai de casa para ir à Universidade trabalhar, ela tem dedicação exclusiva”.

Na realidade é uma verdade histórica e vou discutir/esclarecer também sob dois olhares concretos a respeito de situações concretas: quando a mulher vai para a Universidade, a criança ou está na escola ou tem uma pessoa, em geral parente ou empregada, que cuida da criança. Na Universidade a mãe tem dedicação exclusiva e, portanto, o olhar voltado para a pesquisa e o trabalho que está realizando.

Na pandemia o trabalho do homem na Universidade passa a ser em casa, salvo casos extremos de necessidade do uso do laboratório para a pesquisa. Não há, em geral, uma divisão do trabalho. Os homens ficam o tempo todo no escritório ou biblioteca da casa. As mulheres administram a casa: colocam a roupa na máquina, lavam os utensílios da cozinha, arrumam a casa, cuidam das crianças, “nos intervalos”, em casa, cuidam da sua pesquisa, respondem aos e-mails, atendem ao telefone, e ainda dizem às crianças: fiquem quietinhas que o papai está trabalhando.... Assim sendo, não precisa explicar mais nada.

**Maria Rita Machado:**

Que de certa forma já fica interligada, professora essa segunda colocação de Aline, com o que seria a segunda pergunta. Dentro da análise da perspectiva de gênero como é que a gente pode analisar a Covid -19 nesse momento?

**Rosa Ester Rossini:**

Complementando o que já foi dito, ressalto que não é nova a situação da disparidade entre o trabalho da mulher e o trabalho do homem, isso é uma questão histórica. Às mulheres, historicamente, o trabalho da casa e do campo, aos homens, o

trabalho da caça e da guerra. Mas percebam, hoje, às mulheres o trabalho do campo para alimentação e suprimento das necessidades, tecer ou costurar alguma coisa e cuidar das crianças. Agora, com a entrada da mulher no mercado de trabalho, estamos percebendo, por exemplo, que as mulheres a cada dia estão conquistando mais espaço, mas isso não quer dizer que haja uma igualdade, raramente a mulher assume uma posição de comando. Às vezes acontece alguma “benemerência” do homem, “prestigiando” uma mulher, com frequência por conta de assédio sexual ou em “troca”.

Nesta pandemia é muito interessante o que está acontecendo: as mulheres voltaram para casa, os homens também voltaram e estão trabalhando no computador, estão trabalhando produzindo as coisas. Muitos escritórios e empresas estão cogitando de fechar o atendimento e a pessoa trabalhar, sempre, em casa e com muita economia para a empresa. Na Universidade já se faz isso desde sempre, um computador em casa e um computador na Universidade. Agora você está só em casa, você usa 100% o computador em casa, a sua energia, os gastos com computador e coisa desse tipo, e não tem hora pra trabalhar. Na realidade e por vício, levanta, toma um café, senta no computador, levanta, vai comer alguma coisa, senta no computador e assim é a vida. Para os homens isto acontece com esta frequência e sequência. Para as mulheres que têm família, que têm filhos, a situação é diferente, e eu diria que a sobrecarga aumenta muito. Como aumenta a sobrecarga? A criança em casa, a mulher historicamente trabalhava “só” em casa. Trabalhando fora de casa, a criança estava na escola uma parte do dia, outra parte do dia a família paga alguém para cuidar da criança. No caso de ser professora, no ensino fundamental, trabalhava meio período, ou então colocava a/s criança/s em uma escola em período integral. Agora nesta situação, a criança em casa, a mulher tem que fazer o trabalho da sua atividade, porque a vida continua, tem que cuidar da comida e na hora certa, para a/s criança/s, e se tem um companheiro, também para ele.

Portanto, a sobrecarga do trabalho para a mulher aumentou demais, ao mesmo tempo é interessante constatar que nesta fase de necessidade de atendimento hospitalar e assistência as pessoas com Covid, apesar de estar em destaque para a importância do médico, se esquecem que existe o feminino, a médica. Mas se nós levarmos em consideração o percentual de mulheres que são enfermeiras ou auxiliares de enfermagem,

elas são mais de 60% em relação as pessoas que trabalham na área. Isto tem sido percebido, mas não valorizado o suficiente. Os médicos têm sido valorizados, desempenham um papel importante, mas acho que na infraestrutura, depois que o médico passa, quem fica com a responsabilidade do cuidado e da assistência, são as enfermeiras, as auxiliares e a assistente social para dar suporte para a família. Então percebam que não podemos esquecer da importância das mulheres na saúde.

É muito significativo o título do depoimento dado à Maria Guimarães, por Emanuelle Góes, epidemiologista com formação em enfermagem e realizando pós-doutoramento na FIOCRUZ-Bahia, a respeito da incidência de mortes na pandemia. “Parece normal 100 mil pessoas morrerem e a maioria ser negra – Revista FAPESP - n° 295 de 9/2020 p.23”. Destaca que, com a pandemia recomendando isolamento social levando as pessoas a trabalhar em casa, os resultados de ocorrência são muito maiores para a população negra: “para as mulheres há o aumento na violência doméstica. O uso de máscara na rua é uma questão para os homens negros, porque a polícia aborda mais. Eles estão mais no mercado informal, expostos à violência na rua”. Acrescenta ainda que há uma relação intrigante referente aos “dados do Ministério da Saúde que demonstram que as pessoas brancas adoecem mais e são mais internadas, enquanto que as negras têm o maior número de óbitos”. Acrescenta ainda que a “população negra não tem o processo de se internar e se recuperar, ela morre direto porque acessa o serviço de saúde mais tardiamente, no estágio adiantado da doença”. E para finalizar o depoimento ela ressalta: “é considerado normal 100 mil pessoas morrerem e a maioria ser pobre, negra, do Nordeste, da periferia, do Norte, indígena – essas populações sempre estiveram à margem”.

Tenho uma história interessante de uma das pesquisas que fiz, que o marido estava trabalhando em casa, a mulher estava trabalhando vendendo coisas pelo computador, mas se levantava do computador e ligava a máquina, levantava do computador e punha a panela para fazer alguma coisa no fogão, uma comida, atendia o telefone. E chegava para as crianças e falava assim: fiquem quietinhas que o papai está trabalhando.

Quando estive no Japão discuti muito com meus colegas, em geral, professores, posto que o número de professores era ínfimo, da Província de Nara, a respeito da questão da mulher. E aí eles estavam valorizando o fato de a mulher poder trabalhar em casa sem

registro em carteira, e que trabalha em atividades como arrematando uma roupa, montando um relógio, etc. Chamo a isto de sobretrabalho, porque ao mesmo tempo em que realiza a atividade, está olhando a criança, está fazendo serviços da casa e contribuindo para a sobrevivência da família.

Considero que é momento de se repensar exatamente a questão do trabalho da mulher. No campo, nos assentamentos, é a mesma coisa. Percebe-se, portanto, que as mulheres desempenham papel muito importante na casa e no campo. Este é o momento de avaliar que tanto no Brasil como no mundo, as mulheres ganham menos que os homens em torno 20 a 30% e para as mesmas atividades. O único lugar que a mulher recebe o mesmo salário que o homem é no serviço público, só que dificilmente lhes é facilitada a oportunidade da chefia. E é na chefia que ocorre diferencial de salário. É o momento de nós começarmos a pensar exatamente como nos valorizar, isto é, ter igualdade e equidade de gênero em relação a questão do trabalho, em casa e fora de casa.

Realizei pesquisa, a partir de convenio com o CNRS, da França, na década de 80-90, sobre o uso do metrô em São Paulo e a minha colega, Jacqueline Coutras, e em Paris, pelas mulheres e pelos homens, mas o destaque era para as mulheres. É interessante perceber que as mulheres usam o metrô em São Paulo, no Brasil, em um horário um pouco mais tarde que os homens, porque os homens entram num horário fixo no serviço, e levam as crianças à escola, então eles saem de casa, levam as crianças para a escola e vão para o trabalho. As mulheres saem um pouco mais tarde porque tem de arrumar a casa, tem que programar alguma coisa para o dia, e, assim sendo, saem mais tarde. Entretanto, percebam a questão que os homens, no Brasil e na França, não vão buscar as crianças na escola no final da tarde. Quem vai buscar as crianças no final da tarde é a mulher. Porque os homens com muita frequência vão para os bares, vão conversar no final do expediente, e por isso não tem hora para chegar em casa. Isto representa uma situação de conforto, pois as mulheres não têm essa possibilidade. Outro aspecto interessante, também, é que as mulheres de São Paulo procuram trabalhar no bairro, para ter um deslocamento menor de casa para o trabalho, ou vice-versa. Procuram morar próximo do local de trabalho para que o deslocamento seja menor, para ter mais tempo para trabalhar em casa. Estas são grandes diferenças que precisam ser levadas em consideração.



Agora eu queria destacar um aspecto que neste país ele realmente está muito pouco valorizado. Se formos fazer levantamento, a respeito do maior número de mortos também, acontece entre os negros ou que se declaram negros, estou usando os dados de que 56-58% da população se declarou negra. Mas não é pelo fato de ser mais de 50% que estou chamando a atenção, mas exatamente o número de mortos por acidente, é maior em relação a negros, o número de mortos por violência é maior em relação a negros, e o número de mortes por Covid é maior em relação a negros. Porque infelizmente a sua distribuição como classe, não obedece a mesma proporcionalidade em relação a população branca, há uma concentração muito grande desta população na baixa renda.

Chamo a atenção, também, para as duas categorias: índios e quilombolas. Ambos estão tendo suas terras invadidas pelo avanço da fronteira agrícola, ou pela ganância dos capitalistas. No momento de crise em que estamos vivendo, o governo anuncia que nunca teve uma colheita tão grande como a deste ano. Quando o atual governo federal assumiu havia liberação de 90 produtos (agrotóxicos). Hoje, são mais de 400 considerando que a maioria tem uso proibido nos países, principalmente, da Europa. É necessário computar que o dinheiro para o agronegócio o governo disponibiliza, mas não o tem para continuar atendendo ao social e também às Universidades.

Vale ainda destacar uma fala que aconteceu no mês de julho, do professor Graziano, onde ele fez retrospectiva do que estamos observando em relação aos acontecimentos. Ele ratifica o que nos chama a atenção é o aumento do mapa da fome, o aumento dos miseráveis, o aumento da pobreza em outras palavras, e diz o seguinte, que segundo o IBGE, são 30 milhões de pessoas que precisam do auxílio emergencial, mas na realidade, procuraram o auxílio 70 milhões de pobres. Isso corresponde a cerca de 30% da população brasileira. Lembrando que não estou falando de criança, de bebê, estou falando de uma faixa etária maior de 18 anos que pode reivindicar o Auxílio Emergencial, 70 milhões de pessoas, e isso é uma triste realidade.

É bom lembrar também que foi nessa pandemia que os governos perceberam que não tinham infraestrutura de atendimento à saúde e hospitalar para a população, daí a implantação dos Hospitais de Campanha.

**Maria Rita Machado:**

A senhora já falou algumas vezes da superprodução agrícola, mas em contraponto existe uma pobreza que atinge 70 milhões de pessoas. Isso significa que a nossa produção agrícola não é produção de alimento?

**Rosa Ester Rossini:**

A nossa produção agrícola na realidade, é de alimento, em sua maioria, para a exportação pelo agronegócio. A soja é alimento, o arroz é alimento, a cana é um combustível e é alimento, açúcar. Mas o que acontece é o aumento do uso da tecnificação. Como já mencionei, quando comecei a trabalhar, havia meio milhão de pessoas trabalhando na agricultura canavieira no estado de São Paulo, e hoje, com a tecnificação, não tem cinquenta mil. E aumentou muito a área de cultivo. Acrescente-se ainda a expansão da fronteira agrícola em direção às regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte. A compra de terras nestas regiões tem sido em grande parte pelo capital internacional – chineses, japoneses, holandeses, americanos e europeus. No fundo, estão à procura de lugares onde os aquíferos são abundantes, posto que a água está a cada dia mais escassa.

**Aline Santos Lima:**

População é um tema de que gosto muito, tomando isso como ponto de partida, lembro sempre de uma crítica e implicância com a palavra população, uma certa implicância com a ideia de geografia da população, porque a geografia da população se associa, talvez demasiadamente à geografia quantitativa, e a todas as críticas que se tem em relação a geografia quantitativa. O que a senhora acha disso?

**Rosa Ester Rossini:**

O foco dos demógrafos está muito ligado ao positivismo. Como dizia o Professor Francisco Oliveira, fazem a “aritmética dos coelhos”; poucos fazem, como já me referi, análise concreta de situações concretas.

**Aline Lima Santos:**

Eu entendo essa crítica, mas olho ela com cuidado. Porque no meu entendimento, em alguns momentos da análise você tem que transformar a sociedade em números, porque alguns processos se tornam mais visíveis, mais fáceis. E eu acho que a pandemia, ela nos traz...

**Rosa Ester Rossini:**

No momento que você representa graficamente, você está quantificando, mas o diferencial é a análise científica do fenômeno/tema de demonstrar a importância e significado, em especial, para a população e mesmo para subsidiar a aplicação de políticas públicas.

**Aline Lima Santos:**

Mas o que chama atenção é que a pandemia nos impôs reflexões sobre a população. Trouxe diversos elementos para se pensar população. A população indígena, população quilombola, população em idade economicamente ativa. A pandemia impõe que pensemos, por exemplo, a questão dos idosos, na população em idade escolar, afinal abrimos ou não abrimos as escolas? Por quê? Enfim, impõe uma série de desafios e de questões sociais que denunciam muito o quanto a sociedade brasileira é desigual tanto do ponto de vista social como econômica.

Nesse momento a pandemia nos coloca tantas questões relevantes em relação a sociedade brasileira. E neste momento o Brasil abre mão de fazer um censo demográfico decente. Por questão de economia, antes da pandemia já haviam demonstrado incompetência e enorme desconhecimento ao cortar itens extremamente significativos sobre a imigração, por exemplo. E eu queria que a senhora falasse um pouco sobre isso, porque era um momento em que talvez a gente precisasse mais desses dados, até para saber lidar com esses desafios.

### **Rosa Ester Rossini:**

Eu acho que as colocações do Professor Graziano colaboram um pouco para entender a questão do ponto de vista global. Ele nos transmite a dura realidade: o mapa da fome tem crescido muito com mais miseráveis e aumento da pobreza; estamos a caminho de uma forte depressão; há inflação no setor de alimentos, principalmente, para pobres (arroz, feijão, farinha, etc.); os governos descobriram que não têm um sistema de saúde organizado. Vivemos uma efetiva recessão. A forte evidência é que após a perda da ocupação a pessoa não mais consegue romper o círculo e encontrar outra. Isto é a recessão. Para completar é bom lembrar que o Brasil em 2015 já vinha enfrentando uma crise e, portanto, a recuperação é mais lenta e mais difícil. (O mapa da fome de 2014 demonstrava que 2% da população vivia em Insegurança Alimentar. Em 2017 eram 12%).

Continuando, ele diz o seguinte: há uma coisa interessante que, é muito comum acontecer e que houve muitas charges, as pessoas engordarem, nesta fase de reclusão. E a obesidade aumenta a possibilidade da ocorrência de Covid, na verdade não a ocorrência, mas para quem tem Covid, a obesidade deixa a cura mais complicada.

Quando o professor Octavio Ianni escreveu, “A classe operária vai ao campo”, isso quer dizer que a industrialização, ou a modernização tecnocientífica chegou ao campo. Agora com os assentamentos, houve uma inversão. Nem todo morador do campo trabalha no campo. Uma parte da população mora na cidade e trabalha na cidade.

Outro assunto queria lembrar em relação a questão da reclusão é o aumento do número de feminicídios. Com as pessoas em casa, aumenta a agressividade dos homens contra as mulheres e as mulheres são vítimas indefesas, tanto por ter menor força muscular, quanto pela violência sempre ser maior do homem contra a mulher. Quer dizer que mulher raramente tem condição física para bater em homem. Há casos de a mulher pagar para matar o homem.

Quero também chamar a atenção, que em torno de 2015 havia cerca de 12 milhões de pessoas fora do mercado de trabalho, isso na realidade não diminuiu. E com a crise do Covid ela aumentou muito, acontece que a forma como o IBGE faz o levantamento, considero que mascara muito a realidade, porque só é considerado pessoa desempregada, aquela que continua procurando emprego, independente de por quanto tempo, mas se há 15

dias a pessoa desistiu de procurar emprego, ela não é um desempregado, um desocupado, na lista. Portanto, se tínhamos 13 milhões, hoje devemos ter mais de 20 milhões. Aliás, os 70 milhões de pessoas que procuraram o auxílio emergencial, é o retrato do Brasil, é o retrato das pessoas que não tem um emprego/ocupação fixos, que não tem um emprego registrado. Por isso que chegam a 70 milhões o número de pessoas a procura do Auxílio Emergencial demonstrando a realidade concreta do país: aumento das pessoas sem atividade e sem renda, isto é, aumento dos miseráveis e pobres.

Segundo o professor Graziano, na sua fala ele chama a atenção para o fato de que nós estamos nunca crise quase que irreversível. E que o Estado tem que reconstruir uma política de saúde, de alimentação e de trabalho, ou seja, o essencial. Saúde, alimentação e trabalho, mas sem alimento nada melhora, sem educação nada melhora, sem saúde nada melhora.

#### **Maria Rita Machado:**

Tem toda uma questão de gênero, alimentação, saúde, trabalho, tudo isso acaba envolvendo as mulheres. A professora Rosa já falou da saúde, porque não lembrar das enfermeiras? Mas nós nos esquecemos também das profissionais que trabalham com a limpeza, a maioria é constituída por mulheres, que acabam tendo contato com material contaminado. Então há uma série de questões que estão imbricadas. Quais seriam suas considerações gerais sobre essa pandemia?

#### **Rosa Ester Rossini:**

Poderia dizer que houve grandes pandemias no século XX: a Gripe Espanhola, em 1918, que matou 50 milhões de pessoas, uma doença que hoje tem cura. A descoberta do antibiótico (Amoxicilina), para o tratamento de doenças bacterianas foi muito importante; e a AIDS, nos anos 80, que matou 32 milhões de pessoas no mundo e que hoje tem tratamento. Aguardamos a descoberta de vacina eficiente e eficaz para o Corona-19.

A Covid no Brasil matou mais de 150 mil pessoas (outubro de 2020). Mas no mundo já foi além dos milhões. A parcela da população brasileira que se conscientizou da seriedade e do problema da ocorrência do Covid-19 é muito pequena. Porque se você

perceber, não importa o tamanho da cidade, e não importa a renda da pessoa. As pessoas não tomam os devidos cuidados, em primeiro lugar, não usam o álcool como deviam usar, não usam na rua a máscara. Aliás, teve um desembargador do Rio de Janeiro que se recusou a usar máscara, ou seja, independe da classe social, depende da consciência do indivíduo. Porque na realidade o Covid é uma doença muito séria, mas que depende da consciência, não da classe social nem da renda. É necessário deixar isso claro, porque a baixa renda é vítima, mas ela tomando algum cuidado pode sobreviver a essa situação. Agora o triste é tanto a baixa renda como alta renda que sai por aí participando de racha e de festas com enorme presença de pessoas, principalmente de jovens.

No final desta crise que estamos vivendo, o saldo lamentavelmente deve ser o crescimento da pobreza, o risco de fome, desemprego e desocupação. Ainda, o aumento do dólar, é um risco que nós corremos. Perda da capacidade do Estado de investir, é um problema complexo. E é claro que de qualquer forma, a questão da Amazônia, onde cada dia a se acelera a devastação, e o governo não pode fechar os olhos para isso. Parece que a intenção dele é devastação, não acredita na necessidade de proteger o “pulmão do mundo”.

O governo tem que se conscientizar de que é nas universidades e centros de pesquisa, que surgem os melhores resultados científicos para a saúde, para a educação, para a população, para a indústria, para a agricultura e etc. E sendo o maior financiador, o Estado tem que valorizar a importância dos grupos de pesquisa e do trabalho científico, para que o Brasil avance. Sem ciência nenhum país avança. Esse aspecto é extremamente relevante. Porque hoje, nesse país, poucas atividades avançam. Só o agronegócio. O que é um absurdo. O governo considera muito pouco o trabalho científico, em especial para a área de Ciências Humanas e Sociais. Os financiamentos científicos você tem que ter inovação, como se melhorar um processo de alfabetização não fosse inovação. Paulo Freire foi uma grande personalidade, Milton Santos foi uma grande personalidade, Darci Ribeiro, dentre outros, são pessoas do mais alto interesse científico até hoje pela capacidade de inovação e eram da área de Ciências Humanas e Sociais.

Para finalizar, sem concluir, a maior contribuição dos cientistas e pesquisadores frente aos problemas socioeconômicos criados pela pandemia COVID-19, em todo o

mundo e, em particular, ao Brasil, será a da descoberta de uma vacina eficiente e eficaz para a amenização dos problemas, em sua maioria agudizados por ela.

Desta forma, há urgência do atendimento de demandas como a da manutenção, no mesmo valor ou superior, da contribuição do Auxílio Emergencial à população desassistida e carente. Acrescente-se, ainda, a necessidade de atendimento a empresas e aos autônomos com menores recursos para diminuir o número de pessoas que perderam seu trabalho ou que entraram na informalidade por falta de outra oportunidade. Urge também revitalizar os serviços ligados ao saneamento básico, ao abastecimento de água potável e de habitação com qualidade para a população de baixa renda, apesar de que cada lugar deve encontrar soluções adequadas à sua própria realidade e recursos disponíveis.

O povo brasileiro tem uma resistência inata e com sua força é capaz de colaborar, em um tempo curto, no processo de reconstituição a partir da sua capacidade de adaptação as novas situações e renovar-se como no caso da pandemia. Esta possibilidade de “reconstrução” terá que ocorrer a partir dos governantes, empresários, movimentos e organizações sociais com recursos oriundos de estatais, supraestatais e de empresários. Isto pode acelerar a reconstrução do país, a partir “cimentos sólidos”, assentados nas capacidades existentes e naquelas que a experiência gesta novas possibilidades baseadas em ações coletivas que aceleram a reconstrução da economia da sociedade e que exigirá a capacidade de reinvenção/inação, aumentando a resistência frente a futuras ameaças e destinadas a melhorar as condições de vida.

Tudo isto poderá ser feito a partir de planejamento com metas a curto, médio e longo prazos, desde que não mantenham – as autoridades – a roda de acumulação de capital ao agronegócio, supervalorizando setores tanto do campo como do capital imobiliário das cidades e, ao mesmo tempo, deteriorando serviços públicos essenciais para reduzir gastos.

A reinvenção assumiu posição indescritível com o confinamento das pessoas em casa de modo que a aquisição de alimentos, comidas preparadas e outros produtos, foi acelerada através da compra *on-line* e entregue em domicílio, assim como de uso de cadeias menores de distribuição e plataformas eletrônicas com menor logística (se havia cerca de 300.000 motoboys na cidade de São Paulo, hoje “esquentou” o número deles e

congêneres, e deve haver, acredito, cerca de 500.000 que usam, além da moto, bicicleta, patins, patinete, e até pequenos veículos, dependendo da distância e do volume da entrega).

Os restaurantes e bares foram reabertos em São Paulo e em muitas cidades do país, apesar da restrição ao número de frequentadores, a presença tem sido insignificante, não só pelo fato da pandemia, cuja palavra de ordem foi/é mantenha-se em casa, como pela majoração dos preços, em média de 30%, e pela perda da ocupação por parte dos executivos, assim como pelo fechamento, só em São Paulo, segundo o noticiário, de cerca de 30.000 estabelecimentos comerciais. Os supermercados e pequenos estabelecimentos também aumentaram nesta mesma proporção o preço das mercadorias, em geral, ligadas à alimentação.

Para falar da questão de gênero, vale destacar algumas evidências que, devido à pandemia, estão ocorrendo com as mulheres: o feminicídio aumentou significativamente na ceifando a vida de milhares de mulheres na faixa de 25 a 40 anos, que corresponde ao período de concentração da reprodução; o retorno para a casa aumentou o sobretabalho das mulheres com a responsabilidade de cuidar da casa, da alimentação, da faxina, das crianças, inclusive das atividades escolares, posto que, em geral, dispensaram a diarista e/ou empregada; caiu a produção científica das mulheres porque a “dedicação integral” ao trabalho continua, mas, estando em casa, a possibilidade de realização de trabalho científico e de concentração é realizado na “virada da noite”; para os homens, como em sua maioria, no trabalho doméstico não há nem igualdade, nem equidade, posto que passam o dia no escritório ou biblioteca da casa, desta forma, a produção científica aumentou; o cuidado com as pessoas idosas também recai sobre as mulheres; a atenção e cuidados para com a pessoa doente, não importa a idade e o sexo, recai também sobre as mulheres; para a população carente em atividade com menor remuneração ou especialização, a perda da atividade recai primeiro sobre as mulheres, com consequências seríssimas para a família e ainda levando também em consideração que elas são, hoje, mais de 30% cabeças de família – chefiam a casa – e a carência familiar explode; o número de enfermeiras ou de auxiliares de enfermagem mortas pelo fato de terem sido infestadas pela COVID-19, mesmo com os cuidados preventivos, é elevadíssimo; os assaltos à mão armada para roubo de celulares e bolsas aumentou significativamente para as mulheres e, para completar a lista das



ocorrências, mulheres com crise de transtornos mentais, depressão e suicídio é maior do que para os homens.

Nem tudo é violência, posto que as mulheres sempre tiveram, e agora mais do que nunca, a capacidade de se reinventarem e a COVID-19 é a demonstração clara desta competência delas em tudo e para tudo.